

Ciência da Informação e suas relações com outras áreas.

Solange Puntel Mostafa

Palestra proferida em Marília, 15 de abril, SEMINARIO INTERNACIONAL

Dedico essa palestra à colega bibliotecária Ana Virgínia de Paz Pinheiro da Biblioteca Nacional que ofereceu oficina neste evento sobre Coleções Especiais.

Esclareço que sou graduada em Biblioteconomia pela escola de S. Carlos, fiz mestrado em Ciência da Informação no IBICT e doutora em educação, em filosofia da educação pela Puc de São Paulo. Estou dando essa filiação institucional porque toda filiação institucional é, num certo sentido, também uma filiação teórica.

Eu falo, portanto, de um lugar que não é mais do interior da Ciência da Informação strictu sensu. Como integro um programa de pós-graduação em educação, começo por ver a Ciência da Informação como área de conhecimentos que guarda algumas similaridades com a Educação e a mais visível é que a Educação, tanto quanto a Ciência da Informação, se relaciona com várias áreas de conhecimento. As licenciaturas, 'o ensino de' obriga um pesquisador em educação a lidar com conceitos de biologia, química, física, matemática ou filosofia. Mas também ensino de enfermagem, medicina ou oceanografia.

Portanto falo de um lugar híbrido situado entre as teorias de aprendizagem, as políticas públicas da educação e as tecnologias de comunicação e informação. Tudo isso atravessado pela formação inicial e continuada de professores, linha de pesquisa na qual se insere o grupo de pesquisa onde atuamos. A Ciência da Informação, no entanto acompanha essas novas viagens porque a aquisição de conhecimentos dos processos de ensino-aprendizagem supõe domínios metainformacionais. Para aprender qualquer coisa hoje no mundo letrado e informacionalizado do século 21, é

preciso aprender a aprender. E a questão do endereçamento, a informação sobre a informação é vital neste processo.

Então olhar a CI e a Biblioteconomia desde o lugar da aprendizagem devolve novas compreensões interessantes para a Ciência da Informação e a Biblioteconomia.

Diria então que já estou vendo as demais áreas do conhecimento às vezes como zonas de desenvolvimento proximal porque esse é um conceito caro à abordagem histórico cultural de Vygotsky, outras vezes como formações discursivas porque esse é um conceito caro ao pós-estruturalismo foucaultiano; na verdade desenvolvemos três eixos no grupo Mídia e Conhecimento: o eixo da aprendizagem onde as pesquisas voltam-se para os ambientes virtuais de aprendizagem e a informática educativa; o eixo da tradição documentalista onde fazemos pesquisas mais próximas à Ciência da Informação mas sempre que possível fazendo a passagem documento-monumento para ser possível fazer a crítica à tradição e o eixo das mídias onde desenvolvemos as noções de artefato cultural para as produções midiáticas e seus efeitos na formação de professores. O lugar de que falamos nunca é um lugar apenas epistemológico. E também institucional, é também um lugar cultural, é também um lugar social, é também um lugar regido por certas verdades, por coisas que se pode dizer, e outras que não se pode dizer porque o regime de verdade tem esse papel de autorizar algumas práticas e alguns discursos e desqualificar outras). Assim, não existe 'a' Educação, como não existe 'a' Ciência da Informação . Existimos nós fazendo coisas que achamos que são educacionais ou informacionais. Às vezes mais educacionais do que informacionais. As vezes mais informacionais do que educacionais. Tudo depende do lugar onde estamos. Se eu tivesse atuando num programa de Administração de uma universidade corporativa, por exemplo da universidade da Petrobrás, eu provavelmente iria ver a CI e a Biblioteconomia a partir da gestão empresarial. A bibliotecária a quem dedico essa palestra fala de Ciência da Informação a partir da História do Livro, dos manuscritos, das obras raras. E assim por diante. Portanto ela vê uma Ciência da Informação diferente da que eu vejo.

Os historiadores que organizaram esse Evento enxergam a CI de um terceiro jeito, mais ligado à memória e falando mais em documentos ou em memória documental. Claro que o jeito de percebermos tem a ver com o jeito de praticarmos a área. Por isso que eu falo que não existe 'a' Ciência da Informação. Existimos nós fazendo coisas que achamos que são informacionais.

Quais são as nossas diferenças é objeto de pesquisa pra vocês que estão fazendo tese. Qual é a representação que bibliotecários ou arquivistas portam acerca da informação, da Ciência da Informação, das áreas de domínio informacionais?

Esse cruzamentos de saberes e de práticas profissionais configuram nossas percepções, nossas representações. Por isso que é importante conhecer as representações dos professores sobre um monte de coisas. Como dos profissionais em geral sobre suas áreas e o relacionamento deles com a informação, etc.

Há 20 anos atrás eu fiz um capítulo na minha tese de doutorado pra discutir a polêmica ciência ou arte na Biblioteconomia. Naquela época, eu fiquei satisfeita em ultrapassar essa polêmica no conceito marxista de trabalho socialmente determinado. Entender a Biblioteconomia (naquela época havia uma certa resistência também em falar em Ciência da Informação, agente ficava mais confortável falando em biblioteconomia e o engraçado é que agora eu fico mais confortável com a expressão Ciência da Informação do que com a Biblioteconomia).

Naquela época nós achávamos que a Ciência da Informação era um desenvolvimento da Biblioteconomia, uma sofisticação por assim dizer. E portanto, se era sofisticação poderíamos deixar de lado. Hoje nos sabemos que os desenvolvimentos nem sempre podem ser tratados de forma evolucionista, como um desenrolar natural porque é nada é natural no nosso mundo. Tudo é produzido, tudo é inventado de uma certa maneira. A invenção da Ciência da Informação trouxe uma outra maneira de olhar a ciência e a informação científica já dentro de um espírito competitivo e privado que não cabia no ideário público e publicizante da

Biblioteconomia. História essa que tem sido recontada hoje de forma mais competente do podíamos fazer há 20 anos atrás (os textos de Gonzalez de Gomes e Lídia Freitas são exemplos importantes nessa reconstrução).

Hoje eu vejo pesquisadores brasileiros fazendo arqueologia do saber informacional, dando conta talvez melhor do que eu, das determinações sociais do trabalho com informação no registro das análises discursivas, entendendo o discurso sobre a informação como unidade de análise e não a 'realidade mesma' como nós acreditávamos então. A realidade mesma, hoje nós sabemos que ela é um constructo discursivo. A realidade mesma é um pouco aquilo que dizemos dela.

Há 20 anos atrás o caldo cultural brasileiro ainda era bastante dominado pela dialética marxista, de tal maneira que era mais difícil pensar em rupturas, em fragmentação como método de trabalho intelectual. As contradições dectadas no real deveriam nos levar a sínteses de múltiplas determinações, exatamente como Marx explica no Método da Economia Política. Lidávamos com todas aquelas categorias tão caras ao marxismo como 'totalidade concreta' , real, realidade concreta, contradições, real-concreto, concreto pensado, pseudo-concreticidade – aquele Karel Kosik a gente lia de trás pra frente no livrinho A Dialética do Concreto.

Hoje acho importante relativizar o marxismo ou a teoria crítica fora da filosofia da consciência.

Na filosofia da consciência o sujeito está soberanamente no controle das suas ações; ele é um agente livre e autônomo. O sujeito moderno é guiado unicamente por sua razão e por sua racionalidade. O sujeito moderno é fundamentalmente centrado: ele está no centro da ação social e sua consciência não admite divisões ou contradições. Além disso, segundo Descartes, ele é identitário: sua existência coincide com seu pensamento. (tudo isso está no livro de Tomaz Tadeu Silva chamado 'Currículo: Documentos de Identidade')

Essa concepção de sujeito moderno sustenta a Filosofia da Consciência, de direita ou de esquerda. Já a virada lingüística ou pós-estruturalismo ou a abordagem arqueologia do saber radicaliza a crítica ao sujeito do humanismo ou ao sujeito da filosofia da consciência dizendo-nos que não existe sujeito a não ser como o simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social.

O sujeito é o resultado dos dispositivos que o constroem como tal. Então a crítica ao sujeito racional, livre, autônomo, centrado e soberano da modernidade está no centro da crítica radical ao iluminismo emancipatório . E acho importante agregar a contribuição do pós-estruturalismo para relativizar um certo tom emancipatório ou libertador que porventura o marxismo deixou em nós.

Os discursos historiográficos da Ciência da Informação contaram histórias de sua fundação ou de seu aparecimento pelas portas dos fundos, isto é, pelos efeitos , por exemplo : o surgimento da CI deveu-se ao grande interesse que a informação científica passou a ter no mundo ou a CI surgiu por causa do aumento no número de cientistas no mundo ou a CI surgiu no pós-guerra por causa da aceleração de pesquisas e dos desenvolvimentos tecnológicos, etc.

É uma historiografia um pouco parecida com a história que o presidente Bush contou pro mundo sobre as armas do Iraque.

Ora, mas tudo isso são efeitos, são já o resultado do processo de industrialização da sociedade no século 20 e portanto também do processo de privatização das relações capitalistas da produção social. Poucos historiadores flaglaram as passagens entre a Documentação, a Biblioteconomia e a CI como rupturas e crises, como fez Michel Buckland. A maioria conta essa história como uma evolução natural.

A pergunta que fazíamos há 20 anos era então dirigida à Biblioteconomia. Olhávamos pra esse objeto chamado Biblioteconomia e perguntávamos: o que é isso?

Como a resposta nunca nos deixava satisfeitos, partíamos para contornar a pergunta com as polêmicas envolta disso e uma muito em voga era a dúvida cruel, se a biblioteconomia era uma ciência ou uma arte. Aliás, na psicologia também tinha essa dúvida no ar e em outras ciências humanas e sociais, todos naquela época tentando entender o método científico e as particularidades das ciências humanas e sociais.

A minha saída foi achar que a Biblioteconomia não era nem ciência e nem arte. A Biblioteconomia é uma prática social, é um trabalho socialmente determinado. Entender a Biblioteconomia como arte ficava liberal demais, ficava muito dependente do gênio criador do artista, como se a Biblioteconomia fosse um quadro dependurado na parede. Não cumpria o quesito tão importante das práticas sociais, o de serem reiterativas, o de poderem se repetir, como falei em Porto Alegre, naquele encontro com os dirigentes do Mercosul.

E entender a Biblioteconomia com ciência ficava positivista demais para fenômenos que eram iminentemente sociais. Meio que retirava dela as questões políticas que sabíamos que eram importantes de estar contemplando. Claro que era também ciência, claro que era também arte (era e é); ouvimos o prof. Thomas falando em arquitetura, em design, então claro que tem arte nisso também.

Claro que a Biblioteconomia são também técnicas e tecnologias, mas tudo isso eu queria juntar no conceito de 'trabalho socialmente determinado' porque me parecia que assim daria para falar das práticas, dos outros profissionais e das tão caras relações sociais do marxismo.

As definições sobre a Informação da década de 70 não satisfaziam. A gente lia os Borkos, os Belkins ou os Wersigs da década de 70 mas as suas definições não me satisfazia: a informação era tratada como redução de incerteza, como fenômeno e isso me parecia muito rápido, muito equacionado, quase uma equação.

A redução de incerteza era uma compreensão vinda direta da Teoria Matemática da Informação . Outras vezes a informação era tratada como algo que altera as estruturas de conhecimento (que aliás, também dizem algumas teorias da aprendizagem); a gente olhava para essas definições mas olhávamos com muita desconfiança.

Parecia-nos que eram invenções para fundar ou fundamentar a Ciência da Informação como ciência. Aliás, os autores diziam exatamente isso. E como o conceito de trabalho socialmente determinado me satisfazia mais, eu simplesmente dava as costas para os esforços dos cientistas de informação.

Eu não negava essas definições , via e vejo algum valor nessas definições mas não tinha nada a ver comigo e disso teríamos que nos afastar.

A solução era mudar a pergunta, sair da polêmica ciência e arte ; dar as costas e pegar outro rumo. Como disse a Lídia de Freitas de Niterói da Uff, essas definições ajudavam a fundar a CI como ciência ‘ mitologizando seu objeto como parte do real-concreto’ (Lídia de Freitas). O recente texto de doutorado está fazendo análise de discurso na linha do Michel Pêcheux, por isso expressões como está falando em ‘real-concreto’. Fosse na linha do Michel Foucault, acho que categorias como real-concreto não apareceriam na análise.

Dar as costas pra polêmica ciência-arte significava estudar o quinto capítulo do Capital do Marx e todas as particularidades do trabalho, enquanto uma categoria antropológica para podermos discutir então as posições deste trabalho no modo de produção capitalista.

Transcorridos esses 20 anos, com uma certa curiosidade deparei-me novamente com essa pergunta que parece que não quer calar: Ciência da Informação, que trabalho é esse? Qual a relação desse trabalho com os demais?

A pergunta que não quer calar é O QUE É AFINAL, CIENCIA DA INFORMAÇÃO, O QUE É AFINAL INFORMAÇÃO?

E outra vez me vejo na contingência de ter que contornar essa pergunta novamente. Para não cair outra vez num beco sem saída. Porque perguntas do tipo 'O que é isto' são perguntas mal colocadas, porque então caímos nas definições, corremos o risco de passar em revista as definições que alguns autores ou alguns profissionais já deram pra a coisa. E aí de definição em definição, a gente vai tentando responder a pergunta mas o resultado é muito pobre. Parece que sempre fica faltando alguma coisa. Então acabamos por concluir que a área de Ciência da Informação é muito pobre conceitualmente. Como não conseguimos definir CI de forma satisfatória, concluímos que a área não tem conceitos, é frágil, não possui teorias . E o que é o pior: dizemos que o fato da área não ter teorias, faz com que ela vá buscar os conceitos em outras áreas, não desenvolvendo os próprios, o que deixa a situação pior ainda.

EU VOU DISCORDAR DE TUDO ISSO. Eu vou dizer que, passados esses 20 anos, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia tem se desenvolvido no mesmo passo que várias outras ciências sociais e humanas. Quem viu os trabalhos apresentados ao V ENANCIB poderá se deparar com a riqueza conceitual e com o nível de problematização com que as questões da linguagem são apresentadas no gt de número 2. Eu não tive tempo de ler os trabalhos de todos os gts mas vi Economia da Informação sendo tratada numa fertilização da CI com a Economia Política da informação na análise dos projetos dos genomas da Fapesp.

Vi várias correntes da lingüística sendo comparadas para vermos qual, afinal, a corrente mais fértil para as questões de linguagem próprias à CI. Então, correntes como as semióticas (seja a de Pierce, seja a de Deleuze), correntes como as Ontologias da Informática, ou mesmo a Teoria Geral da Terminologia sendo contrastada com a Socioterminologia ou com a vertente da Terminologia comunicativa. Pesquisadores em CI estão contemplando com muita seriedade essas relações com os estudos de linguagem para derivar daí novas compreensões para a Ciência da Informação.

É inegável que as pesquisas em CI e Biblioteconomia caminham e caminham em várias direções dentro de cada área com a qual a CI se relaciona. Tanto as áreas mais afins como Lingüística quanto outras áreas mais distantes como a Biologia. Já estamos falando em sistemas de informação autopoieticos, numa assimilação conceitual da biologia de Maturana. Eu nem gostaria de colocar nesses termos: áreas mais próximas e áreas mais distantes porque eu não saberia dizer que área é próxima e que área é distante.

De repente , um conceito da física quando ressignificado, pode revolucionar partes da Ciência da Informação ou da Biblioteconomia ou da Arquivologia. Eu também não gostaria de fazer uma lista de áreas afins. Porque já chega aquelas áreas e sub-áreas do cnpq e da plataforma Lattes, onde a gente tem que se encaixar.

Eu atualmente trabalho na Educação. Estou num mestrado em educação, então pelas árvores paradigmáticas das classificações do conhecimento, eu estou nas Ciências Humanas. E a CI está nas Ciências Sociais. Mas eu acho que ambas as áreas a Educação e a Ciência da Informação tem algo em comum que é estar virtualmente em contato com todas as áreas de conhecimento. Eu tenho alunos de mestrado que são biólogos, outros são da fonoaudiologia, outros são físicos, são todos professores e estão querendo entender melhor o ensino e a aprendizagem nas suas áreas específicas. Então por exemplo, o pessoal da matemática, eles gostam muito da teorização da didática francesa, a engenharia didática. Já o pessoal da biologia recusa aquele didatismo e prefere a teorização da autopoiese que fala nos seres vivos, o pessoal da educação ambiental gostam mais de falar em seres vivos e preferem a teorização de Piaget que tb era biólogo do que a teorização de Vygotsky.

Eu vejo essas mesmas coisas acontecerem na Ciência da Informação e na Biblioteconomia: são várias as possibilidades teóricas presentes nas ciências humanas e sociais e acho que a CI tem explorado todas essas possibilidades. Por exemplo, Castells seria uma referência importante para falar das redes. Mas há quem prefira falar

das redes com P. Lévy; outros falam nas redes de significação com Vygotsky. Outros vão pela Biologia .

Penso que o caldo cultural da consciência possível de uma época se coloca para uma grande gama de disciplinas e de perguntas de pesquisa.

Vejo os cognitivistas falando mais em processos mentais e vejo um Horjland na Dinamarca batendo forte na questão do domínio, defendendo o domínio ou a análise do domínio como princípio de pesquisa para a Ciência da Informação e Biblioteconomia, para a organização do conhecimento, para a recuperação da informação, enfim, ele chega a recusar um pouco a área de usuários de informação tal a sua defesa pelas estruturas de conhecimento em domínios específicos.

Por isso a sua opção declarada pela Teoria da Atividade, de base marxista, mas que de marxista só tem a base. O que em Marx era trabalho, na T. A. vira um sistema de atividade e a questão do capitalismo mesmo desaparece nas vertentes pragmatistas da atividade. Essa teorização da Teoria da Atividade está muito presente também na comunicação mediada por computador, portanto na educação, o pessoal que está trabalhando com os ambientes virtuais de aprendizagem, estão dizendo que a atividade é central na aprendizagem. Sejam simples Webquests ou simples weblogs, as tarefas são centrais no aprendizado (presencial ou a distancia). Na Ciência da Informação, acho até que por influência dos trabalhos de Hojrland, está se pesquisando as relações de determinados profissionais em determinadas áreas de dominio com o mundo da informação para a realização das tarefas profissionais. E aí aportes oriundos das teorias sócio interacionistas de Vygotsky e de Leontiev estão tendo a mesma receptividade que elas tem na área da Educação.

Esta aproximação pode ajudar-nos a pensarmos as áreas do conhecimento como 'zonas de desenvolvimento proximal' que é conceito chave do Vygotsky. Se as áreas do conhecimento são zonas de desenvolvimento proximal, então não há porque temer as relações das áreas entre si pois na aproximação de saberes , há desenvolvimento. Viu Virgínia. A Biblioteconomia enriquece a Ciência da Informação tanto quanto a Ciência

da Informação enriquece a Biblioteconomia. Eu já não vejo porque negar as diferentes ênfases. Também não acho que as ênfases surgiram como uma evolução natural. Nem acho que as ênfases são irmãs. Algumas metáforas podem funcionar numa abordagem evolucionista. Mas são péssimas quando precisamos ressaltar os cortes, as rupturas, as crises.

Quando o tema desta palestra me foi sugerido, eu achei que o desafio seria relacionar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação com as outras áreas do conhecimento mas não relacionar as ênfases informacionais entre si. Entre si, acho que esse próprio Evento já está relacionando. Pois esse evento nos pôs em relação com as obras raras da Biblioteca Nacional. Numa mútua fertilização das ênfases informacionais.

Eu dizia que as áreas de conhecimento são zonas de desenvolvimento proximal e não há porque temer as relações das áreas entre si. Mas então vale tudo?

Sim e não. Vale tudo se em tudo houver ressignificação.

Nesta corrente que ta trabalhando análise de domínio do dinamarquês Horjland, já podemos encontrar uma saída para as perguntas do tipo 'o que é isto'. Tem essas duas tendências na CI: um pessoal faz pergunta lógico-formais do tipo 'O que é isto' e não me parece uma boa pergunta porque os resultados não são produtivos, não são férteis e a conclusão é aquele benço sem saída, sem conceito e sem teoria. E um outro pessoal pergunta como se dá o processo da informação em áreas de domínio específicos em análises não propriamente de consulta apenas à consciência das pessoas como os estudos de usuário de décadas passadas mas numa consulta mais contextual do ambiente de trabalho, seja o trabalho de pesquisa seja os profissionais em serviço.

Me parece então a análise de domínio do dinamarquês Horjland satisfaz nossa necessidade de entender o conhecimento como algo material , apesar da materialidade que ele advoga é a do corpus, é a materialidade dos escritos. Acho até que mais na

linha da tradição documentalista que fala em textos. Não há propriamente questionamentos em cima dos domínios. Eles são tidos como dados da 'realidade mesma'.

Eu só lembraria ao Horjland que conhecimento é materialidade por causa das relações sociais. Estou tendendo mais a dizer ultimamente que conhecimento são imposições ou consensos de verdade. Então a análise de domínio tal como a entendo, não diz respeito somente ao conhecimento publicado (tão respeitado por Horjland); também não diz respeito somente ao conhecimento tácito que ainda será publicado. Mas a intrincadas redes de poder.

Me parece que o que sempre ficou ausente na teorização da CI e da Biblioteconomia foi a questão do poder. Há 20 anos atrás, nós chegávamos a falar no poder do Capital. Mas não conhecíamos o poder da linguagem, não conhecíamos o poder do significado, da imposição dos sentidos, enfim da forma como o poder foi trabalhado fora do marxismo.

Até porque, quem estava tentando aprender as novidades do marxismo não poderia, no mesmo movimento, dar conta do pós-estruturalismo de Michel Foucault. Tudo o que Foucault queria era ultrapassar a lógica hegeliana do ser e não ser, superar a contradição hegeliana que levava para uma única síntese. Ele queria repartir, fragmentar, multiplicar a síntese. E sair, definitivamente da filosofia da consciência, o que era mais difícil ainda para nós brasileiros, imersos que estávamos na pedagogia de Paulo Freire e em seus processos de conscientização.

Aquela coisa toda do humanismo de Paulo Freire, a transformação pela consciência, a conscientização, o 'ser mais', a libertação, enfim, aquele discurso quase pastoral da pedagogia da libertação, que para nós brasileiros tinha um sentido de verdade maior talvez do que para outros povos. Mas eis que Paulo Freire virou verdade tab para uma grande gama de educadores no mundo todo, de modo que ficou mais difícil fazer a crítica de casa. Até porque a questão toda da consciência casava bem com

o nosso marxismo das relações de produção, relações essas que, se mais democráticas poderiam levar a maior socialização informacional.

Hoje já temos algum desenvolvimento teórico da CI com a teorização do poder em Foucault e os avanços em relação ao marxismo clássico são no sentido de entender o poder como micropoder, portanto fragmentado em todas as relações sociais. Também temos nova compreensão para as tais relações sociais abrangendo outros aspectos da existência que não apenas os aspectos econômicos, mas o poder de algumas etnias sobre outras, o poder de gênero, o poder do palestrante, o poder do aluno. O poder não estaria todo nas relações econômicas mas em todas as relações. E em todos os discursos. O poder que exercemos uns sobre os outros, no corredor, no café, na fila do cinema.

Mapeando as tendências, tínhamos, há 20 anos atrás o marxismo clássico falando em relações de produção; agora nos anos 90 temos um outro marxismo já fertilizado com o pragmatismo americano falando em Teoria da Atividade, em análise de domínio e contra todos os mentalismos cognitivistas, portanto contra até os estudos de usuário. Há uma certa valorização das bases de conhecimento explícitas, as bases de dados, o corpus textual na vertente de Análise do Domínio do Hojrland.

Mais recentemente, temos as análises foucaultianas que a meu ver são importantes porque o poder agora não é o outro do saber. No marxismo clássico, o poder era falsa consciência. Quem tinha a consciência verdadeira poderia abolir o poder e instaurar a sociedade democrática, sem poder, sem classes sociais. Nas análises foucaultianas, toda vontade de verdade é vontade de poder. Todos os discursos são perigosos.

Me pergunto como o poder é exercido em e através de relações sociais mediadas por informação

Como o domínio sobre a informação é alcançado e mantido por grupos específicos e como formas específicas de dominação – especialmente aquelas de raça, classe, sexo e gênero – estão implicadas no exercício do poder sobre a informação.

Eu também me pergunto, se o tema dessa apresentação, as relações da CI com outras áreas, não desvia a atenção de uma das questões principais, que é a questão do poder da informação na constituição das subjetividades e dos grupos.

Esse tipo de problematização está fora do marxismo clássico. Questões epistemológicas restritas ao estabelecimento e policiamento de fronteiras entre disciplinas não seria um jeito pobre de problematizarmos as relações entre informação e poder? Eu diria um jeito corporativo ou corporativista? O problema é que não há vida fora das corporações.

O poder disciplinar, o poder que as disciplinas exercem umas sobre as outras é também jogo de poder. As áreas de conhecimento brigam por poder. Brigam pela verdade do mundo. As sub-áreas também. Qual ênfase é mais valorizada no jogo do poder disciplinar?

Então o poder disciplinar é um princípio ainda muito forte nas agências de fomento, nas universidades e no nosso imaginário. Por isso é que temos uma palestra com esse tema. É como se houvesse a necessidade de, de tempos em tempos, voltarmos a essas perguntas sobre a especificidade da área. Volta e meia vem a pergunta que não quer calar: mas o que é mesmo CI? O que é mesmo Biblioteconomia?

Precisamos contornar, precisamos definir, precisamos deixar claro que a coisa existe. Mas alto lá! Cuidado com o que dizes! Todos os discursos são perigosos. Não é por acaso que o presidente Bush chamou atenção do Ted Kennedy esses dias: que história é essa de dizer que o Iraque virou um Vietnã?! Cuidado com o que dizes! É preciso ter cuidado quando falamos 'Ciência da Informação'. Ou Arquivologia. Ou o que seja.

Eu fiz uma leitura dos trabalhos do V ENANCIB no gt da Epistemologia. Alguns trabalhos estão destacando a questão da cientificidade do campo, até mesmo no título dos trabalhos. Muitos dizendo 'a ciência da informação' ou 'o campo científico'; como se

houvesse uma coisa chamada Ciência da Informação, e essa coisa fosse um campo científico à disposição das análises. Tudo isso é verdade. Há um campo mesmo de estudos chamado Ciência da Informação e nós sabemos da sua constituição histórica a ponto de contarmos essa história incansavelmente ... (era uma vez uma reunião no Geórgia Tech Institute na década de 60 ... era uma vez uma reunião científica na Universidade de Tampere na Finlândia em 1991 ; eu mesma estou contando mais uma de nossas histórias: era uma vez um encontro em Belo Horizonte chamado V ENANCIB e daqui a pouco estaremos dizendo era uma vez um encontro internacional em Marília....)

Há de fato encontros, datas, locais e discursos falando e dando vida a isso que chamamos Ciência da Informação. Mas temos que analisar de que forma falamos sobre Ciência da Informação. Pois as falas são atos fundadores. Quando falamos sobre as coisas do mundo nós as constituímos. Pois as coisas do mundo só tem significado quando interpretadas pela linguagem. Não falamos sobre Ciência da Informação de qualquer jeito. Falamos de um lugar ainda que esse lugar é flutuante e cambiante pela própria natureza das relações disciplinares que estabelecemos com outras áreas. A nossa conversa sobre Ciência da Informação realiza-se mediante uma inscrição. Inscrevemo-nos numa ordem discursiva já em curso. E aí, desde este lugar nós falamos sobre 'a' área. Mas não podemos falar de qualquer jeito porque há uma ordem já dada.

Que alguns autores da década de 70 chamaram de paradigma ou matriz disciplinar , tanto no sentido de visão de mundo ou 'weltanschauung' quanto no sentido de regras; outros chamaram de 'formação discursiva'. Para estar neste lugar enunciativo, nós nos preparamos, com leituras e escritos, com cursos, com títulos, com cargos e aí sim, eis nossa opinião autoral sobre o tema! Então nos inscrevemos numa ordem que já está em curso; alguém já disse antes de nós, tanto assim que nossos textos são cheios de referências e se não fosse, diríamos que são contos de fadas, sem história, sem memória.

Mas mesmo citando tantos autores, nós não temos acesso à origem do dizer, pois o dizer é sempre um discurso no meio de outros. É sempre um inter(discurso) e a memória do interdiscurso não se situa em nenhum lugar; é uma trama de sentidos; temos acesso somente à circunstância da enunciação. Nós só temos acesso à historicidade das condições de produção dos enunciados. Por isso contamos nossas histórias circunscritas a um tempo e lugar, a uma conferência, a um periódico, a um cd.

Tudo isso me passou pela cabeça quando li alguns trabalhos do cd do Enancib de 2003, no Gt da Epistemologia. Porque me davam a impressão de que o 'campo' da Ciência da Informação existia antes de nós e depois de nós, sem que pudéssemos nos inscrever nele. Eis lá o 'campo' ou eis lá 'a Ciência da Informação'. Pode parecer banal mas a linguagem é o nosso vínculo no mundo. E se esse campo está lá, como eu vou fazer a minha inscrição nele? Essa foi a minha primeira dificuldade com algumas estruturas de conhecimento que vi ali.

A função dos seminários é um pouco afirmar a existência e a veracidade da área. É um pouco o cogito cartesiano. Estamos aqui para dizer 'nós, da ciência da informação, pensamos, logo existimos'. Nós cogitamos, nós duvidamos (afinal, o que é mesmo ciência da informação?) A pergunta que orienta o tema desta palestra é essa: o que é mesmo, ciência da informação? Qual a relação disso com as outras áreas. Elas existem? Nós existimos?

Claro que nossas dúvidas são dúvidas pós-modernas e portanto diferentes das dúvidas modernas de Descartes que estava nos quinhentos, no nascimento da modernidade. As dúvidas modernas deveriam levar a respostas seguras, claras, distintas. As nossas dúvidas não nos levam mais pra lugares seguros. A nossa época já foi teorizada como a era das incertezas. A era da complexidade cheia de hibridismos e eclecismos.

Talvez por isso é que mesmo passando uma vida fazendo ciência da informação, de tempos em tempos paramos pra perguntar: o que é mesmo ciência da informação? Os universalismos kantianos ainda nos deixam de calças curtas. Perguntas similares

surgem em todas as áreas de conhecimento. Na educação também busca-se muito os fundamentos. A tal da fundamentação.

Vai fundamentar onde o ato educativo, qual a concepção de homem que queremos com esse curso? O que é afinal, educação? Toda vez que me chamam pra coordenar curso, eu vou logo dizendo 'não me peçam pra pensar sobre a concepção de homem do curso porque eu não fundamento mais em lugar nenhum. Não há fundamentos. Não precisamos mais de procurar fundamentar. Sem âncoras. Chega de ancorar. Será que tem um jeito de viver mais móvel, sem fundamentar tanto? Não poderia ser tipo aqueles hotéis flutuantes da Amazônia? Uma ancoragem mais móvel, mais flutuante, sem tantas certezas, sem tantas verdades.

O tema desta palestra é o tema das disciplinas e o grande desafio é conseguirmos falar sobre esse tema fora da filosofia da consciência ou fora da história das idéias, entendendo as disciplinas ou o conhecimento como discursos que fabricam seus objetos e as práticas de que falam.

Devemos entender também que 'os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem' (FOUCAULT, p. 53). Por isso a arqueologia do saber informacional flagra momentos de ruptura entre a Documentação, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação e a Gestão do Conhecimento. A gente pode colocar tudo no mesmo saco e dizer que é tudo trabalho com informação. Mas são momentos históricos diferentes e surgem pra dar conta de necessidades históricas diferentes e de contextos institucionais diferenciados.

A leitura de Lídia Freitas nos 3 textos disponíveis da tese de doutorado fazem com muita competência a arqueologia do saber informacional da Ciência da Informação.

Uma pergunta me chamou a atenção num dos trabalhos do V ENANCIB do Gt de Epistemologia. O autor pergunta:

1. Porque a CI aceita as divisões de disciplinas e não se coloca por cima delas, capaz de produzir conhecimentos que perpassem suas fronteiras?
2. Seria possível abordar o problema da informação em uma outra esfera, de uma outra maneira, a partir de onde as fronteiras das disciplinas não se colocassem como algo intransponível?

Achei essas perguntas importantes porque ultrapassar as fronteiras das disciplinas é pensar o mundo além da ciência e tecnologia, o que permite pensar também em processos informacionais do mundo da vida, do dia a dia. E permite tb pensar nas esferas políticas da produção de conhecimento. Pensando o conhecimento não só como áreas cognitivas ou de domínio conceitual mas como áreas culturais. Como cultura, o jeito da faxineira dispor as panelas na casa dela é uma forma de produzir conhecimento (tese orientada pela Marilena Chauí, com Paulo Freire e tudo na banca). A informação seria mais uma questão de 'possibilidades de relações' do que de 'relações determinadas por essa ou aquela área'.

Gostei dessas colocações porque quando falamos em 'possibilidades de relações' estamos numa abordagem mais aberta, numa rede que não se fecha, portanto estamos falando numa rede infinita de aprendizagem.

É desta forma aberta que eu gostaria de pensar as relações entre a CI e as outras áreas. Nunca gostaria de fazer uma lista de disciplinas limítrofes com as quais a CI manteria relações amigáveis. Alguns autores tentam fazer isso, uns com mais sucesso do que outros. Mas ao final, descobrimos que é preciso atualizar a lista....

A especificidade na CI talvez seja a sua capacidade de por em relação as áreas de conhecimento, funcionando como dobradiça ou dobras do conhecimento. Essa condição faz nascer 'excedentes informacionais'. Aliás, o conceito de dobra devemos a Deleuze, dito o filósofo que marcou o século 20...

As outras áreas também devem ser pensadas como infinitas possibilidades de relações. Até mesmo por causa dos efeitos do trabalho desenvolvido com as metodologias da Ciência da Informação.

Todos esses cruzamentos estão sendo pensados hoje com a metáfora das redes e o conceito de transdisciplinaridade. Com dois avanços em relação ao conceito de interdisciplinaridade da década de 70.

Antes tínhamos a compreensão limitada de que o conhecimento estava fragmentado e era preciso unificá-lo, relacioná-lo, era preciso trazê-lo de volta ao centro fundador, conforme nossas crenças na filosofia da consciência e da consciência verdadeira, do conhecimento verdadeiro. Do mito da origem, etc..

Era como se o conhecimento estivesse muito disperso, era como se o conhecimento estivesse se perdendo de tão especializado. Hoje já sabemos que o movimento de juntar áreas acaba por aprofundar a divisão. Juntar duas áreas é fundar uma terceira.

Hoje não temos mais medo da divisão. Falamos em multiplicidade. Falamos em complexidade. Falamos em transdisciplinaridade com duas vantagens: ultrapassando domínios cognitivos (coisa que não acontecia com a interdisciplinaridade) e tocando nas parecerias do mundo da vida, portanto chegando nas condições de produção do conhecimento, o que tem ajudado até repensarmos os estudos de usuário. Na educação, por exemplo, os resultados da pesquisa tem que ser submetidos a amplas redes de ensino públicas e privadas que em última instância é quem valida o conhecimento produzido nas Universidades. Então o conceito de transdisciplinaridade trouxe os produtores do conhecimento que são apenas os pesquisadores das universidades. Em muitas áreas, como na educação ambiental por exemplo, o sujeito da pesquisa é um coletivo que está fora das universidades.

Para terminar, voltemos a duas questões:

1. Toda vez que nos depararmos com perguntas do tipo 'O que é isto' sugiro que sigamos o conselho do prof. Alfredo Veiga Neto no livrinho Estudos culturais da ciência. Ao invés de tentar construir um conceito suficiente sobre Ciência da Informação ou sobre que diabo é mesmo afinal, informação , nós falaríamos extensivamente sobre isso, como isso se manifesta, como produz efeitos, como se relaciona com as outras coisas que já conhecemos. Porque o caminho das definições é frustrante. A instabilidade conceitual decorre justamente do carácter contingente, histórico, dinâmico do conhecimento. É por essa razão que uma pergunta do tipo 'o que é isto' jamais pode ser respondida de modo acabado, completo, suficiente. Mas isso não significa, diz ele, alguma deficiência do entendimento humano, mas é a própria noção tradicional de conceito que é problemática: ela promete algo que não pode cumprir . Porque a própria linguagem com que dizemos o conceito é ambivalente (Veiga Neto, p. 27)

Então há vários trabalhos no V ENANCIB tentando conceituar a CI desse jeito definitório e eu acho que não é por aí. Há trabalhos exigindo melhores conceitos para a área; há trabalho exigindo maior rigor metodológico e a solução pra fugir da unitarização conceitual ou metodológica, essa unitarização não deixa de ser um sonho positivista, a solução é continuarmos a falar e a falar e a falar novamente sobre nossas próprias falas (eu achei esse um conselho muito interessante do prof. Alfredo Veiga Neto de Porto Alegre). Ou seja, não dá pra parar de falar simplesmente porque nós falamos o tempo todo. Como o discurso é acontecimento, nós falamos de várias maneiras sobre um tema. Não tem que ser de um jeito só. Eu aposto mais na multiplicidade conceitual, na permanente fertilização de conceitos e de compreensões do que na cristalização de conceitos.

2. Um outro aspecto da desconstrução pós-estruturalista é a desconstrução do mediador e das mediações . Desconstrói o papel do profissional de informação como mediador. Desconstrói tb a biblioteca como o locus da interação. O catálogo então, nem se fala. Tem que arranjar outro lugar pro catálogo.

ONDE? QUE LUGAR É ESSE

(eu lembro da música do Adoniran Barbosa – a saudosa maloca quando penso na desconstrução pós-moderna) ‘Ai que tristeza, que nós sentia, cada táuba que caía doía no coração, peguemos todas as nossas coisa e fumo pro meio da rua preciá demolicação. Que tristeza que nós sentia. Mato grosso quis gritar mas em cima eu falei: Os home ta cõa razão, nós arranja outro lugá.

ONDE? QUE LUGAR É ESSE?

Um dos ganhos da virada lingüística, acho que foi sair do meio do caminho. Derrubaram o edifício da modernidade. E com ele veio abaixo o sujeito moderno cheio de verdades absolutas. Derrubaram também a coruja hegeliana, sábia, séria, seletiva. Essa razão que faz reflexão, que se dobra para a reflexividade.

No seu lugar muitos pardais, mais próximos, mais saltitantes, verdades menores, mais relativas. E sai de baixo. Sai do meio. Chega de falar em MEDIAÇÃO. Sem essa de mediação. Porque mediação é pastoral demais. O catálogo produz verdades. Não apenas fica no meio entre os leitores e os textos. Não apenas representa o conhecimento. Mas faz nascer o conhecimento numa certa direção, dependendo da forma como ordenamos e nomeamos. Por isso escrevi na revista de Minas que não me mandou nenhum exemplar – revista politicamente incorreta – escrevi que os catálogos são dispositivos de interpelação.

A classificação também. Separa áreas. Aproxima outras. Esconde relações. Faz aparecer outras. O paper, o artigo de ciência fabrica o método científico, não apenas veicula conhecimentos entre os pesquisadores. O currículo fabrica modos de ser e estar no mundo. A tal ponto que podemos falar em currículo do Boris Casoy – porque telejornal todo santo dia vira um percurso, um currículo, uma questão curricular em nossas vidas. Como os seminários internacionais.

Uma das questões centrais das abordagens sócio-culturais, aquela coisa de entender a Ciência da Informação como um trabalho socialmente determinado, é que a gente não se relaciona com o mundo de forma direta ou imediata; tem que ter o tal do instrumento de trabalho (por isso que eu gosto tanto do V capítulo do Capital do Marx); ele fala nos 3 elementos do processo de trabalho, o material, as finalidades e os instrumentos. A coisa da concepção, do método e dos instrumentos, o quanto isso tem que estar afinado.

O Vygotsky elegeu a palavra como a unidade de análise . Então quando Horjland fala em domínio quando vocês da Indexação falam em domínio, vocês estão pensando na palavra escrita, no corpus nas bases de dados de texto completo ou nas bases de resumo. Claro que entendendo as determinações dessas palavras. Então as palavras são a nossa mediação muito humana da coisa.

Quando esse autor sueco faz um pesquisa para ver quais são as estratégias de informação que as enfermeiras usam para trabalhar e o que isso ajuda a construir a identidade profissional delas, ele está dizendo que a identidade profissional delas se faz, é construída através de uma comunidade de discurso e que as comunidades desenvolvem instrumentos intelectuais e físicos (materiais) para interagir com o mundo. Os instrumentos intelectuais são os conceitos, as teorias e os físicos são as bases de dados, as revistas, aquilo tudo que chamei de Caixa de Ferramentas em Porto Alegre.

Então a materialidade desses instrumentos intelectuais está na sociabilidade que eles portam. Ninguém vai inventar novos instrumentos a partir do zero. A gente ressignifica. Por isso que o Foucault minimiza a história do sujeito, do autor, da autoria ('que importa quem fala' é a frase final dele na conferencia sobre a Ordem do Discurso).

Só que Foucault foi mais fundo na coisa da mediação entendendo que a gente se inscreve nessa ordem do discurso e nela vai atualizando mas isso é perigoso, perigosíssimo. Não é de forma neutra. Os discursos produzem as práticas de que falam. Nós inventamos o mundo. Reparem o inicio da 'Ordem do Discurso' ...

Então a santa mediação fica mais perigosa: 'atenção para o refrão: precisamos estar atentos e fortes/não temos medo de morrer a morte/tudo é perigoso/tudo é divino, maravilhoso (Caetano Veloso).

Por dizer que aprendi um bocado com os trabalhos do gt de Epistemologia do V ENANCIB, especialmente os trabalhos de Gonzalez de Gomes, Lídia Freitas, Silvana Drumond, o texto do Vannevar Busch, o texto sobre a Memória dos pesquisadores (uma rica fertilização entre CI e Arquivologia), enfim o texto da Giulia está lindo.

Obrigada pela atenção e grata por esse Evento.